O SUJEITO DE FREUD A LACAN: A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE LÍQUIDA E NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL ¹

Juliana Martins Ribeiro²

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente³

RESUMO:

O presente artigo oferece uma análise da evolução do conceito de sujeito na Psicanálise, destacando as influentes contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Ao contextualizar as respectivas teorias dentro das significativas transformações culturais e sociais de suas épocas, o estudo investiga como as perspectivas psicanalíticas podem auxiliar os complexos desafios da subjetividade na era contemporânea, caracterizada pela fluidez e a incerteza da modernidade líquida, conforme descrito por Zygmunt Bauman, e pela crescente e onipresente influência da inteligência artificial. Explorando a interseção entre Psicanálise e tecnologia digital, o artigo analisa como as identidades e as relações interpessoais são moldadas e transformadas nesse novo cenário. A influência das tecnologias digitais e das redes sociais na construção da identidade e na percepção do sujeito é examinada, destacando a crise de identidade e a superficialidade nas interações humanas que emergem dessa dinâmica.

Ademais, o texto sugere um debate crítico entre a teoria psicanalítica clássica e as novas demandas da contemporaneidade, investigando os impactos da tecnologia na subjetividade e a forma como a Psicanálise pode se adaptar para abordar os desafios únicos do século XXI. Ao integrar novas realidades tecnológicas e sociais, a Psicanálise continua a oferecer uma estrutura valiosa para a análise da subjetividade e das dinâmicas de identidade na atualidade. Dessa forma, a contínua exploração das teorias de Freud e Lacan se faz essencial para uma compreensão profunda da subjetividade humana em um mundo em constante transformação. A Psicanálise, ao dialogar com as evoluções tecnológicas e sociais, reafirma sua relevância e capacidade de fornecer insights profundos e ferramentas terapêuticas eficazes para lidar com os desafios contemporâneos de identidade, desejo e relacionamento humano.

Palavras-chave: Psicanálise. Sujeito. Modernidade Líquida. Inteligência Artificial. Subjetividade Humana.

THE SUBJECT FROM FREUD TO LACAN: THE CONSTRUCTION OF SUBJECTIVITY IN LIQUID MODERNITY AND THE AGE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 02/10/2024 e aprovado, após reformulações, em 02/11/2024

² Graduada em Publicidade e Propaganda pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail:mrribeiro.juliana@gmail.com

³ Mestra em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail:reginaprudente@uniacademia.edu.br

ABSTRACT:

This article offers an analysis of the evolution of the concept of the subject in psychoanalysis, highlighting the influential contributions of Sigmund Freud and Jacques Lacan. By contextualizing their respective theories within the significant cultural and social transformations of their eras, the study investigates how psychoanalytic perspectives can help with the complex challenges of subjectivity in the contemporary era, characterized by the fluidity and uncertainty of liquid modernity, as described by Zygmunt Bauman, and by the growing and omnipresent influence of artificial intelligence. Exploring the intersection between psychoanalysis and digital technology, the article analyzes how identities and interpersonal relationships are shaped and transformed in this new scenario. The influence of digital technologies and social networks on the construction of identity and the perception of the subject is examined, highlighting the identity crisis and superficiality in human interactions that emerge from this dynamic.

Furthermore, the text suggests a critical debate between classical psychoanalytic theory and the new demands of contemporaneity, investigating the impacts of technology on subjectivity and how psychoanalysis can adapt to address the unique challenges of the 21st century. By integrating new technological and social realities, psychoanalysis continues to offer a valuable framework for analyzing subjectivity and identity dynamics today. In this way, the continuous exploration of Freud's and Lacan's theories is essential for a profound understanding of human subjectivity in a world in constant transformation. By dialoguing with technological and social developments, psychoanalysis reaffirms its relevance and ability to provide profound insights and effective therapeutic tools for dealing with the contemporary challenges of identity, desire, and human relationships.

Keywords: Psychoanalysis. Subject. Liquid Modernity. Artificial intelligence. Human Subjectivity.

1 INTRODUÇÃO

A evolução do conceito de sujeito na Psicanálise revela um caminho de crescente complexidade, passando das primeiras formulações de Sigmund Freud até as reformulações de Jacques Lacan. Embora o primeiro não tenha desenvolvido um conceito explícito de sujeito como o conhecemos hoje, suas ideias implícitas fornecem a base para essa discussão (Lopes, 2002). Em seus escritos, frequentemente usava termos como "indivíduo" / "sujeito" em um sentido mais tradicional, associado à ideia de agente da ação ou participante ativo (Freud, 2010). No entanto, é possível identificar em seus textos um conceito de sujeito que, embora não formulado de maneira explícita, antecipa a ideia que Lacan mais tarde desenvolveria.

No texto "Projeto para uma Psicologia Científica" publicado em 1895, Freud começa a definir o aparelho psíquico, buscando entender sua existência, suas atividades e suas diferenciações internas. Se afasta da concepção tradicional do

indivíduo como um ser centrado na razão e começa a explorar a complexa construção da subjetividade através da descoberta do inconsciente. Esta evidência desafia a visão até então cartesiana de sujeito como um agente racional e revela uma nova dimensão da psique, na qual o sujeito seria atravessado por forças inconscientes que moldam suas ações, pensamentos e desejos.

Introduz o conceito de “pulsão” como uma força psíquica que surge de estímulos corporais e exige satisfação. As pulsões criam uma tensão que o sujeito deve regular, sugerindo a existência de um “novo sujeito” que vai além do eu, e destaca a influência das forças inconscientes no comportamento. Descreve o “eu” como uma rede neural defensiva que bloqueia estímulos dolorosos e gerencia o recalçamento. Esse “eu” é projetado para substituir conceitos que não podem alcançar a consciência por imagens alternativas.

Jacques Lacan, ao reinterpretar as ideias freudianas através da linguística estrutural, oferece uma visão radicalmente nova do sujeito. Para ele, o sujeito é constituído pela linguagem e pelos significantes⁴ que o precedem, e é fundamentalmente dividido entre o consciente e o inconsciente. O conceito de sujeito dividido é central na teoria lacaniana, refletindo uma falta primordial mediada pela linguagem. Lacan introduz o registro do simbólico como a ordem da linguagem e das estruturas sociais que moldam o sujeito. A entrada no simbólico representa a introdução do sujeito na rede de significantes que estrutura sua experiência.

A análise das teorias Freudiana e Lacaniana mostra tanto convergências quanto divergências significativas entre os autores. Ambos reconhecem o inconsciente como uma força central na formação da identidade e da subjetividade. Freud vê o inconsciente como um campo de tensões e pulsões, enquanto Lacan o percebe como estruturado linguisticamente e fundamentalmente dividido. No entanto, o precursor foca na dinâmica interna das pulsões e defesas, enquanto o sucessor enfatiza a constituição do sujeito através da linguagem e do simbólico, oferecendo uma visão mais complexa da divisão subjetiva e da falta primordial (Fink, 1998).

Neste contexto, o objetivo deste trabalho é, por meio de uma revisão narrativa da literatura, examinar os aspectos que envolvem a evolução do conceito de sujeito na Psicanálise e sua relevância para a prática clínica na contemporaneidade, assim

⁴ Refere-se ao componente significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, palavras e destinos do sujeito, funcionando como uma nomeação simbólica que influencia a vida do indivíduo à sua revelia (Roudinesco, 1998).

como seu desenvolvimento e desafios na sociedade líquida, descrita por Zygmunt Bauman , e ainda com o advento da inteligência artificial. Dessa forma, é essencial situar as teorias de Freud e Lacan dentro do contexto cultural de suas épocas e avaliar como suas contribuições influenciaram e continuam a influenciar a clínica psicanalítica contemporânea. O entendimento do sujeito na psicanálise não apenas reflete os paradigmas culturais dos períodos em que essas teorias foram formuladas, mas também molda as práticas e abordagens clínicas atuais (Zizek, 2009).

2 O CONTEXTO DA ÉPOCA

2.1 SIGMUND FREUD

O período que se estende entre meados do século XIX ao início do século XX foi marcado por profundas transformações sociais e intelectuais que moldaram a estrutura da sociedade moderna e estabeleceram as bases para o pensamento contemporâneo. Estas mudanças abrangem desde a Revolução Industrial e a urbanização até os avanços científicos, as mudanças culturais e as reavaliações filosóficas e religiosas (Hobsbawm, 1962). No entremeio deste período nasceu a Psicanálise, um importante campo de estudo e abordagem terapêutica que foi crucial para o avanço e consolidação da Psicologia (Freud, 2010). Analisar essas mudanças e o contexto que fomentou o nascimento da teoria psicanalítica permite compreender como Freud e seus contemporâneos moldaram e foram moldados pelas dinâmicas da época.

Sigmund Freud nasceu no dia 6 de maio de 1856 em Freiberg, Morávia. Mudou-se para Viena aos 4 anos de idade. Aos 17 anos, entrou para a Universidade de Viena, no curso de Medicina. Durante os anos de faculdade, deixou-se fascinar pelas pesquisas realizadas no laboratório de fisiologia dirigido pelo Dr. E. W. von Brucke. De 1876 a 1882, trabalhou com esse especialista e concentrou-se em pesquisas sobre a histologia do sistema nervoso (Gay, 1988). Freud já revelava grande interesse pelo estudo das enfermidades mentais, bem como pelos métodos utilizados em seu tratamento. Em 1884, teve contato com o médico Josef Breuer, que havia curado sintomas graves de histeria através da hipnose, quando o paciente conseguia se recordar das circunstâncias que deram origem à sua moléstia. Chamado de “método catártico” constituiu o ponto de partida da psicanálise (Breuer & Freud, 1895). Já em

1885, Freud ganhou uma bolsa para um período de especialização em Paris com o neurologista francês J. M. Charcot. A experiência de Freud com Charcot foi fundamental para o desenvolvimento da psicanálise. De volta a Viena, continuou suas experiências com Breuer, com quem publicaria o livro "*Estudos sobre a Histeria*" (1895), que marcou o início de suas investigações psicanalíticas.

A Psicanálise, como um campo de estudo e prática, não surgiu em um vácuo; foi moldada e enriquecida pelo contexto cultural de sua época, influenciando tanto o surgimento das ideias de Sigmund Freud quanto sua recepção social e posterior evolução (Bion, 1962).

O século XIX foi marcado por um processo de secularização, onde a religião começou a perder sua influência sobre a vida cotidiana, sendo gradualmente substituída por uma ênfase no pensamento racional e científico. Este movimento, originado no Iluminismo, criou um ambiente propício para que Freud, enquanto médico neurologista, passasse a buscar explicações científicas para os fenômenos mentais, afastando-se das explicações tradicionais de cunho espiritual ou sobrenatural (Taylor, 2007).

A teoria da evolução de Darwin e a Psicanálise de Freud compartilham a premissa de que os instintos são fundamentais para a compreensão do comportamento humano. Enquanto Darwin (1859) postula que a seleção natural moldou os seres vivos em busca de adaptação, Freud (2011) identifica os instintos básicos como as forças motrizes do psiquismo, explorando em "O Mal-Estar na Civilização" o conflito entre esses instintos e as demandas da civilização. A obra freudiana, assim, pode ser vista como uma extensão das ideias evolucionistas ao campo da psicologia. Em "O Mal-Estar na Civilização", argumenta que "a civilização impõe às pessoas maiores restrições do que podem suportar", evidenciando como as normas sociais e culturais reprimem os instintos naturais, criando um mal-estar psíquico generalizado (Freud, 2011).

A crescente urbanização e o desenvolvimento do capitalismo durante o século XIX também desempenharam um papel significativo na formação da psicanálise. As cidades em rápido crescimento, com suas novas pressões sociais e formas de vida, geraram ansiedades e problemas de identidade que foram observados em seus pacientes. Freud percebeu como as tensões entre os desejos individuais e as expectativas sociais criavam conflitos psíquicos, que se manifestavam em forma de neuroses. Essa percepção foi intensificada pela moralidade repressiva advinda da Era

Vitoriana, especialmente no que dizia respeito à sexualidade. Dessa forma, Freud passa a reconhecer que a repressão sexual imposta por essa norma rígida tinha um impacto profundo na psique das pessoas, como supracitado acima levando à formação de sintomas nomeados por ele de neuróticos.

Sua teoria do inconsciente e da castração foram, em grande parte, uma resposta a essa repressão, oferecendo uma crítica ao impacto psicológico das normas sociais restritivas da época. Na obra "Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade" (1905), Freud explora como as repressões e as proibições sexuais impostas resultam em uma série de manifestações neuróticas, ao afirmar que "a pulsão sexual sofre uma deformação durante o processo de desenvolvimento individual" (Freud, 2010).

Além disso, os movimentos intelectuais e artísticos do período também foram cruciais. O Romantismo, por exemplo, já havia explorado o conceito de inconsciente, as emoções profundas e os sonhos (Berman, 1982). Contudo, Freud foi além, sistematizando essas ideias em uma teoria sobre o funcionamento da mente humana. Sua análise dos sonhos e do comportamento forneceu um novo entendimento sobre como o inconsciente operava. Em "A Interpretação dos Sonhos" (1900), afirma que "os sonhos são a via régia para o conhecimento das atividades inconscientes da mente", destacando a importância do inconsciente como um reservatório de desejos reprimidos e conflitos internos. Mais tarde, no início do século XX, o surrealismo, que buscava expressar o inconsciente através da arte, encontrou na psicanálise uma fonte de inspiração. Os surrealistas utilizaram as ideias freudianas para criar obras que exploravam os sonhos e a irracionalidade, refletindo os processos inconscientes descritos por ele.

O desenvolvimento da Psicanálise passou ainda pela Primeira Guerra Mundial, onde a brutalidade, a escassez e o trauma psicológico resultante do conflito levaram Freud e seus seguidores a aprofundarem sua compreensão sobre o trauma e a neurose de guerra (Freud, 2016). Investigaram como eventos traumáticos podiam desencadear reações inconscientes que se manifestavam em sintomas físicos e psicológicos, contribuindo para o desenvolvimento das teorias sobre o trauma e sua possível cura (Freud, 2016). Em seu trabalho "Além do Princípio do Prazer" (1920), desenvolve a ideia de que o trauma pode levar a uma compulsão à repetição, onde o indivíduo revê inconscientemente o evento traumático em uma tentativa de dominar a angústia, por ele gerado (Freud, 2016).

Por fim, as mudanças sociais, particularmente o surgimento do feminismo, influenciaram a Psicanálise de maneiras complexas. A virada do século XX testemunhou o crescimento dos movimentos feministas, que desafiavam os papéis tradicionais de gênero. Embora Freud tenha sido criticado por suas teorias sobre a sexualidade feminina e o Complexo de Édipo, a Psicanálise também abriu espaço para discussões sobre as dinâmicas de poder entre os gêneros, influenciando debates que perduram até hoje. Em "A Feminilidade" (1933), aborda a complexidade da sexualidade feminina, reconhecendo os desafios que representam para a psicanálise, afirmando que "a grande questão à qual jamais se deu resposta e que eu, não obstante trinta anos de pesquisa sobre a alma feminina, ainda não fui capaz de responder, é: o que quer uma mulher?"

A Psicanálise emergiu em um momento de intensas transformações culturais, sociais e políticas. Especialmente entre duas guerras. Sigmund Freud teve seu trabalho como efeito de seu tempo, e suas teorias refletiam tanto as tensões quanto as esperanças de uma sociedade em mudança. Assim, o desenvolvimento da Psicanálise foi ao mesmo tempo um reflexo dessas forças sociais e uma força que, por sua vez, moldou a cultura do século XX (Hobsbawm, 1962)

2.2 JACQUES LACAN

A Psicanálise se expandiu significativamente ao longo do tempo, com diversos teóricos dando continuidade e novas direções aos trabalhos de Sigmund Freud. Entre eles, destaca-se de maneira singular o francês Jacques Lacan, cuja contribuição revolucionou e redefiniu os fundamentos da Psicanálise.

Jacques Marie Émile Lacan, conhecido apenas pelo primeiro e último nome, nasceu em Paris, no dia 13 de abril de 1901. Formou-se em medicina e especializou-se em psiquiatria entre 1927 e 1931, tendo sido residente no Hospital Sainte-Anne. Durante esse período, começou a se interessar pela Psicanálise e pela obra de Freud. Sua tese de doutorado em 1932, "Da Psicose Paranoica em suas Relações com a Personalidade", já demonstrava sua inclinação para um pensamento que unia Psiquiatria, Psicanálise e Filosofia (Lacan, 1992).

A França do pós-guerra e em meio à guerra fria passou por um intenso fervor intelectual, e Lacan estava neste centro. Essas mudanças impactaram significativamente sua reformulação da Psicanálise freudiana, levando-o a

reinterpretar conceitos centrais da teoria psicanalítica e a criar um corpo teórico que dialogava com as correntes intelectuais e os acontecimentos de seu tempo (Fink, 1998). Em seus seminários, especialmente no “Seminário II: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise” (1985) e no “Seminário XI: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise” (1985), explorou como a Psicanálise podia se conectar com as novas teorias linguísticas e filosóficas da época.

Movimentos filosóficos como o Estruturalismo, que ganhava força com pensadores como Claude Lévi-Strauss, e a nova linguística de Ferdinand Saussure o influenciaram decisivamente. A ideia saussuriana de que a linguagem estrutura o pensamento humano o levou a formular uma das bases de sua teoria, quando diz que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1986). Esse conceito é amplamente discutido no “Seminário I: Os Escritos Técnicos de Freud” (1986).

Embora Lacan mantivesse uma distância crítica em relação ao Existencialismo, especialmente quanto ao foco na liberdade individual e na autenticidade, incorporou a noção de que a subjetividade é fundamentalmente fragmentada e instável. Desenvolvendo o conceito de “sujeito dividido”, alinhado com as reflexões pós-estruturalistas sobre a ausência de um núcleo fixo no sujeito (Lacan, 1995).

O contexto político do pós-Segunda Guerra Mundial, particularmente o trauma do Holocausto e as consequências da guerra, a destruição em massa e as barbáries vividas durante o conflito, levantaram questões profundas sobre a natureza do ser humano e a fragilidade da civilização (Arendt, 1968). Lacan não podia ignorar essas realidades. Para ele, a Psicanálise era como uma ferramenta para explorar o lado obscuro do ser humano, particularmente as forças inconscientes que podem levar à agressão e à destruição. O que o levou a desenvolver uma crítica afiada das ideologias e das Instituições que moldam e controlam o sujeito, muitas vezes de maneiras que os próprios indivíduos não conseguem perceber. Seus escritos, como “Televisão” (1993) e “O Seminário XX: Mais, ainda” (1998), refletem sua crítica às ideologias e instituições que moldam e controlam o sujeito.

Os movimentos sociais das décadas de 1950 e 1960, especialmente o maio de 1968, tiveram um impacto profundo no desenvolvimento do trabalho de Lacan. As manifestações em Paris desafiavam a autoridade estatal e as normas sociais estabelecidas. Lacan viu essas revoltas como uma expressão do desejo de mudança e resistência ao poder institucional, conforme discutido no “Seminário XVII: O Avesso da Psicanálise”. No entanto, era cético quanto à possibilidade de uma real subversão

das estruturas sociais, argumentando que o desejo humano é intrinsecamente marcado pela falta, o que perpetua um ciclo contínuo de busca insaciável.

As questões de identidade de gênero, poder e sexualidade levantadas pelos feministas encontraram eco nas teorias lacanianas. A partir dos conceitos já existentes de "falo" e "diferenciação sexual", Lacan (1995) propôs uma nova forma de abordar as complexidades da identidade sexual. Para o psicanalista, esses conceitos são cruciais para entender os mecanismos pelos quais a cultura molda as identidades de gênero e as relações entre os sexos. Embora suas ideias sobre o feminino e a sexualidade fossem controversas e muitas vezes criticadas por feministas, elas refletiam a sua tentativa de responder às questões urgentes que o movimento trazia à tona (Mitchell, 1974).

Contemporâneo ao movimento surrealista, Lacan também estava interessado no inconsciente, nos sonhos e no irracional. Muitos dos ideais surrealistas foram retirados da teoria freudiana. Em "Escritos" (1966), Lacan mostra como suas ideias ressoavam com as preocupações do surrealismo sobre a fragmentação do sujeito. Além disso, o cinema e a literatura moderna, que frequentemente abordavam temas de identidade fragmentada e realidade distorcida, forneciam um terreno fértil para Lacan desenvolver suas ideias sobre a subjetividade e o real, conceito realmente laciano.

Lacan se envolveu em críticas às Instituições, incluindo as próprias Instituições psicanalíticas. Estava em conflito constante com a Sociedade Psicanalítica Internacional, da qual foi eventualmente expulso. Esse conflito refletia suas críticas à burocratização da psicanálise e sua insatisfação com a maneira como os pacientes eram tratados dentro do modelo psicanalítico tradicional. Em resposta, fundou sua própria escola de psicanálise, onde pôde implementar suas ideias inovadoras e formar uma nova geração de psicanalistas que estivessem em sintonia com as complexidades do mundo contemporâneo.

Assim, Jacques Lacan reformulou a Psicanálise não apenas como uma prática clínica, mas como uma teoria crítica que refletia e respondia às profundas mudanças culturais, políticas e sociais de seu tempo. Sua obra é um testemunho do poder da psicanálise de dialogar com as questões mais urgentes da condição humana, em períodos de intensas transformações e incertezas (Žižek, 1997).

3 SUJEITO, UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

A construção do conceito de sujeito na Psicanálise é um tema central que revela aspectos cruciais do funcionamento psíquico e das dinâmicas interpessoais. Sigmund Freud, embora não tenha usado o termo "sujeito" especificamente, estabeleceu as bases para seu desenvolvimento ao introduzir a divisão entre consciente e inconsciente. Em "A Interpretação dos Sonhos" (1900), descreve como o inconsciente, composto por desejos reprimidos e memórias, molda o comportamento e a experiência do sujeito, revelando uma dimensão psíquica além da percepção consciente. Em "Além do Princípio do Prazer" (1920), amplia essa visão ao explorar os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte, aprofundando a compreensão dos conflitos internos e mecanismos de defesa.

Jacques Lacan expandiu a teoria freudiana, introduzindo a ideia de que o sujeito é constituído pela linguagem e pela relação com o outro, o que desafia a noção de um sujeito unificado. Em "Escritos" (1966), argumenta que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que o sujeito é fragmentado, refletindo tensões entre desejo inconsciente e normas sociais. A noção lacaniana de sujeito como um constructo linguístico e social oferece uma compreensão mais profunda da subjetividade e da formação da identidade.

O inconsciente, formado por desejos reprimidos, memórias e impulsos, desempenha um papel central na constituição do sujeito. A subjetividade é marcada por um conflito constante entre o consciente e o inconsciente, manifestando-se através de sonhos, atos falhos e sintomas neuróticos.

O inconsciente freudiano é estruturado por processos primários, que operam através de mecanismos como a condensação e o deslocamento, observáveis principalmente na análise dos sonhos. A interpretação dos sonhos tornou-se uma via privilegiada para acessar os conteúdos inconscientes, permitindo revelar a dinâmica interna do sujeito (Freud, 2019).

A partir dessa descoberta, desenvolveu o modelo estrutural da mente, dividido em id, ego e superego. O id representa os impulsos instintivos e desejos primitivos, o ego funciona como mediador com a realidade externa e o superego incorpora as normas e valores sociais internalizados (Freud, 2017). Este modelo destaca a complexidade do sujeito, que é simultaneamente um ser de desejo (id), de realidade (ego) e de moralidade (superego) (Freud, 2017).

O ego, ao desempenhar o papel de mediador, enfrenta a tarefa de equilibrar as demandas conflitantes do id, do superego e da realidade externa. Os mecanismos de defesa, como repressão, projeção e racionalização, são estratégias que o ego utiliza para lidar com esses conflitos, garantindo assim uma certa estabilidade psíquica (Freud, 2017).

O Complexo de Édipo é fundamental na teoria freudiana do desenvolvimento psicosssexual. Segundo ele, a resolução deste complexo é crucial para a formação do sujeito e da sua identidade sexual. A internalização das proibições e identificações parentais durante esta fase estrutura o inconsciente e, conseqüentemente, a subjetividade (Freud, 2017).

Freud postulou que a superação do Complexo de Édipo leva à formação do superego e à capacidade do indivíduo de internalizar normas sociais. Esta fase é marcada pela ambivalência de sentimentos amorosos e hostis em relação aos pais, resultando em um processo de identificação que molda a estrutura do ego e do superego.

Lacan propôs um "retorno a Freud", enfatizando a importância do inconsciente e da linguagem. Criticou a ortodoxia psicanalítica que, segundo ele, havia se desviado das ideias originais do pai da Psicanálise. Para ele, a linguagem é o elemento estruturante do inconsciente, encapsulado na famosa fórmula "o inconsciente é estruturado como uma linguagem" (Lacan, 1992).

Para Jacques Lacan, a obra de Freud continha elementos que antecipavam a linguística estruturalista. Assim, Lacan integra conceitos de Ferdinand de Saussure e da antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss para reforçar a ideia de que o inconsciente opera através de significantes, tornando a análise do discurso um elemento central da prática psicanalítica (Lacan, 1986).

O conceito de Estádio do Espelho, introduzido por Lacan, descreve o momento em que a criança se reconhece no espelho e forma uma imagem de si mesma. Este processo é fundamental para a constituição do "eu", que é, entretanto, uma imagem alienada e idealizada. O Estádio do Espelho revela a divisão do sujeito entre a imagem ideal e a realidade fragmentada de sua experiência corporal (Lacan, 1992).

Este momento de identificação visual é simultaneamente um processo de alienação, pois a imagem no espelho representa um "eu" idealizado, em contraste com a experiência fragmentada e descoordenada do corpo da criança. A identificação

com essa imagem inaugura uma tensão entre o "eu" idealizado e o "eu" real, marcando a estrutura fundamental do sujeito lacaniano (Lacan, 1992).

Nessa perspectiva, o sujeito é essencialmente um sujeito do desejo. Diferentemente do ego freudiano, o sujeito lacaniano não é uma entidade unitária, mas é dividido e marcado pela falta. Esta falta é inerente à condição humana e está relacionada ao conceito de "objeto a", o objeto inatingível que causa o desejo. O sujeito lacaniano é, portanto, um ser em busca contínua de completude, nunca plenamente alcançada (Lacan, 2007).

O desejo, segundo Lacan, nunca é completamente satisfeito, pois é sempre um desejo do Outro⁵, mediado pela linguagem e pelas demandas sociais. A noção de "objeto a" representa aquilo que é perdido no processo de entrada na ordem simbólica, funcionando como o motor do desejo humano.

Jacques Lacan introduziu a teoria dos três registros: o Real, o Simbólico e o Imaginário. O Imaginário refere-se ao domínio das imagens e identidades; o Simbólico, ao campo da linguagem e das leis sociais; e o Real, àquilo que escapa à simbolização e é impossível de ser plenamente conhecido. A subjetividade é tecida na intersecção destes registros, sendo o sujeito constantemente desafiado pelas lacunas e inconsistências entre eles.

O real, em particular, representa o impossível de ser simbolizado, o que resiste à captura pelo discurso. Este conceito desafia a noção de um sujeito completamente compreensível e controlável, sublinhando a presença de um núcleo insondável de experiência que escapa à racionalidade e à linguagem (Lacan, 2007).

Freud e Lacan, embora distintos em suas abordagens, compartilham a visão de um sujeito determinado pelo inconsciente. A principal diferença reside na ênfase de Lacan na linguagem e na estrutura do desejo. Enquanto Freud vê o sujeito como um campo de batalha entre forças internas conflitantes, Lacan o vê como uma entidade dividida, cujo desejo é perpetuamente mediado pelo Outro.

Na contemporaneidade, o conceito de sujeito continua sendo objeto de estudo e investigação, como no livro "O Conceito de Sujeito", de Luciano Elia. Onde o autor

⁵ O termo "Outro" (com letra maiúscula) refere-se a uma instância fundamental na psicanálise, representando a alteridade e a dimensão do desejo e da linguagem. É uma figura que simboliza as leis sociais e normas culturais que influenciam a constituição do sujeito. Na obra de Jacques Lacan, o "Outro" é essencial para a formação da identidade e o funcionamento do inconsciente, abrangendo não apenas indivíduos específicos, mas também a estrutura simbólica que molda a experiência subjetiva. (Roudinesco, 1998).

propõe uma análise profunda e crítica sobre a noção de sujeito. Ao passo que a dissertação de Dulce Duarte Lopes, "A Compreensão do Sujeito nas Perspectivas de Paul Ricoeur e Sigmund Freud", foca na concepção de sujeito presente no pensamento freudiano. Elia desafia as visões tradicionais que entendem o sujeito como um ente autônomo e racional, evidenciando que essa perspectiva ignora as influências sociais, culturais e históricas que moldam a identidade individual. Lopes, por sua vez, apresenta o sujeito como um ente marcado por conflitos internos, onde as pulsões e a repressão desempenham papéis centrais.

Além de suas análises teóricas, ambos os autores discutem as implicações práticas do conceito de sujeito para a clínica psicológica. Elia ressalta a necessidade de uma abordagem que considere a singularidade de cada paciente, promovendo uma terapia mais empática e colaborativa. Enquanto Lopes aponta que a compreensão do sujeito em Freud está intimamente ligada ao conceito de inconsciente, onde desejos reprimidos influenciam o comportamento e a vida emocional do indivíduo. A análise dos sonhos e a interpretação dos atos falhos se tornam, assim, ferramentas essenciais para acessar esse inconsciente e promover uma compreensão mais dinâmica e multifacetada do sujeito. Juntas, as obras de Elia e Lopes enriquecem o entendimento acadêmico do sujeito, mas também fornecem bases teóricas sólidas para a prática clínica contemporânea, incentivando profissionais a adotar uma visão mais holística e integrativa da subjetividade humana.

Assim, a construção do conceito de sujeito na Psicanálise é um processo dinâmico, envolvendo inconsciente, linguagem, experiências relacionais e normas sociais. Desde Freud até os desenvolvimentos contemporâneos, a compreensão do sujeito tem evoluído, refletindo a complexidade da psique humana e a diversidade das experiências individuais. A contínua exploração e refinamento desse conceito são essenciais para a teoria e a prática psicanalítica, oferecendo um quadro mais profundo para entender a identidade e o desejo.

4 O SUJEITO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS E A MODERNIDADE LÍQUIDA DE BAUMAN

A era da inteligência artificial (IA) está redefinindo as bases da experiência humana e desafiando as estruturas tradicionais de identidade, subjetividade e relacionamento. Neste contexto, o conceito de sujeito, que sempre foi central nas

discussões filosóficas e psicológicas, se torna cada vez mais complexo. Ao analisar essa transformação à luz das contribuições de Zygmunt Bauman, particularmente sua noção de modernidade líquida, e sob a ótica da psicanálise, é possível perceber um panorama intrigante das dificuldades e dilemas enfrentados pelo sujeito contemporâneo.

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, introduziu o conceito de "modernidade líquida" para descrever a condição social contemporânea, caracterizada pela fluidez e transitoriedade das relações sociais e das estruturas institucionais (Bauman, 2001). Na modernidade líquida, as instituições são mais flexíveis, as identidades são mais voláteis, e as relações sociais são menos duradouras e mais provisórias. Bauman argumenta que, na sociedade líquida, os indivíduos enfrentam uma constante pressão para se adaptarem às mudanças rápidas e imprevisíveis. As conexões humanas tornam-se mais superficiais, e a busca por segurança e estabilidade é frequentemente frustrada pela natureza efêmera das relações e dos arranjos sociais. O sujeito, neste novo cenário, é constantemente exposto a uma multiplicidade de papéis e contextos.

Nesse contexto, a inteligência artificial atua como um agente amplificador dessa liquidez. As tecnologias digitais, especialmente as redes sociais, incentivam a criação de identidades que podem ser moldadas e ajustadas em tempo real (Hargreaves, 2014). Essa superficialidade na construção da identidade pode levar a uma sensação de desconexão interna, onde a autenticidade é sacrificada em favor de uma imagem que se adequa às expectativas externas. A constante busca por validação nas plataformas digitais transforma a interação social em um espetáculo, onde o valor do sujeito é frequentemente medido por "curtidas" e comentários, contribuindo para uma crise de identidade profunda (Harari, 2018).

Essa reconfiguração da forma como os indivíduos interagem com o mundo e entre si molda uma sociedade sobrecarregada em sua capacidade de processar a enxurrada de informações fornecidas pela IA afetando a construção do sujeito em vários níveis (Zuboff, 2019). Ferramentas de IA, como algoritmos de redes sociais, moldam as interações humanas ao mediar e manipular o conteúdo que os indivíduos consomem. Isso influencia a formação da identidade e o senso de pertencimento, exacerbando a superficialidade e a efemeridade das relações (Kumar, 2018). Assistentes virtuais e sistemas de recomendação personalizam as experiências individuais, criando um ambiente onde o sujeito é constantemente monitorado e adaptado às preferências sugeridas pela IA. Isso pode levar a uma sensação de

controle e previsibilidade, mas também a uma alienação de si mesmo e do outro (Zuboff, 2019). A presença constante da IA pode intensificar sentimentos de alienação, ansiedade e dependência tecnológica. A automação de tarefas e decisões pode diminuir a agência do indivíduo, gerando um sentimento de despersonalização e impotência (Turkle, 2017).

A Psicanálise, especialmente na obra de Sigmund Freud, fornece uma estrutura teórica para entender as dinâmicas do inconsciente e como elas se manifestam na era da IA. Freud (2017) argumentava que o sujeito é regido por desejos inconscientes, muitos dos quais são reprimidos e relegados ao consciente. Essa repressão pode se intensificar em um mundo saturado de estímulos, onde as interações são mediadas pela tecnologia?

O sujeito psicanalítico, em constante diálogo com seu inconsciente, enfrenta um dilema na era da IA: a tecnologia, ao oferecer soluções instantâneas e gratificação imediata, pode inibir a exploração interna dos desejos e das angústias, levando a um empobrecimento da experiência humana? A relação com a IA pode se tornar uma nova forma de transferência, onde emoções e expectativas são projetadas em objetos tecnológicos, obscurecendo a capacidade de conexão genuína com o outro?

Um dos aspectos mais preocupantes da modernidade líquida é a erosão da empatia e da capacidade de se relacionar autenticamente com o outro. Bauman (2001) argumenta que a cultura da instantaneidade gera um desinteresse pela profundidade emocional, favorecendo interações superficiais. A IA, ao mediar a comunicação, pode exacerbar essa situação, transformando a empatia em um conceito abstrato, distanciado da experiência vivida.

Yuval Noah Harari, professor e historiador israelense discute como a tecnologia e a IA podem afetar a percepção de si mesmo e a relação com o outro. Alerta para o potencial de desumanização que acompanha a crescente dependência de sistemas automatizados. Em um mundo onde as decisões são cada vez mais tomadas por algoritmos, a capacidade de perceber o outro como um ser humano único e complexo pode ser prejudicada. A cultura digital, repleta de filtros e edições, pode promover um distanciamento emocional que dificulta a empatia genuína e o reconhecimento da alteridade.

Diante desses desafios, a necessidade de uma reflexão crítica sobre o papel da IA e da tecnologia no cotidiano torna-se premente. A Psicanálise, ao enfatizar o autoconhecimento e a exploração do inconsciente, pode servir como um guia para os

indivíduos que buscam reconectar-se com sua essência em meio ao caos digital? A prática psicoterapêutica pode ajudar os indivíduos a explorar suas emoções, desejos e medos, proporcionando um espaço seguro para a autoexpressão e a construção de uma identidade coesa e autêntica?

Além disso, a construção de novas narrativas sobre o sujeito se torna crucial. Isso envolve uma valorização da autenticidade, da empatia e do compromisso nas relações interpessoais, bem como um reconhecimento da importância de experiências vividas e significativas. O cultivo de habilidades emocionais e sociais é fundamental para preparar os indivíduos a navegar em um mundo cada vez mais complexo e repleto de incertezas (Harari, 2018).

A era da inteligência artificial apresenta desafios significativos para a compreensão do sujeito, exigindo uma reconfiguração das identidades e das relações humanas. A perspectiva psicanalítica, combinada com as análises de Bauman e Harari, oferecem uma compreensão profunda das complexidades do ser humano nesse novo contexto. O sujeito contemporâneo deve enfrentar a liquidez e a superficialidade, buscando formas de reconectar-se consigo mesmo e com os outros. Essa busca não apenas resgata a humanidade em meio à tecnologia, mas também promove um sentido renovado de identidade e significado na experiência humana. O papel da Psicanálise, portanto, pode ser considerado fundamental para auxiliar na construção de um sujeito que, em vez de se perder na era da IA, encontre um espaço para a autenticidade, a empatia e a verdadeira conexão?

A partir das perspectivas de Freud e Lacan, sobre o conceito de sujeito a IA pode ser vista como um novo elemento simbólico que o sujeito deve integrar e negociar em sua estrutura psíquica? Freud e Lacan destacaram a importância das interações humanas e dos símbolos culturais na formação do inconsciente. A IA poderia atuar como agente simbólico? Ou, ao contrário disso, poderia acabar com os registros simbólicos e suas interações? A constante adaptação do sujeito às sugestões e mediações da IA pode levar a uma reconfiguração da dinâmica do desejo e da identificação, tornando ainda mais complexa a construção da subjetividade (Harari, 2018).

O estudo do sujeito psicanalítico em tempos de inteligência artificial e modernidade líquida revela um cenário onde a fluidez e a transitoriedade das relações sociais são intensificadas pelas tecnologias emergentes. As teorias de Freud e Lacan, combinadas com a análise sociológica de Bauman e autores contemporâneos,

oferecem uma lente crítica para compreender as transformações na subjetividade. A IA, ao modificar as dinâmicas de interação e a mediação simbólica, apresenta novos desafios e possibilidades para a construção do sujeito. A compreensão desses impactos é de suma importância para investigar as complexidades da subjetividade na era digital, onde a intersecção entre tecnologia, sociedade e Psicanálise se torna cada vez mais relevante. A análise aprofundada dessas interações pode proporcionar insights valiosos sobre a forma como os indivíduos constroem suas identidades e encontram sentido em um mundo em constante mudança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conceito do sujeito proposto por Freud e Lacan na era da inteligência artificial, revela uma intersecção rica entre as teorias psicanalíticas e os desafios contemporâneos da modernidade líquida. Este conceito evolui continuamente em resposta às transformações sociais e tecnológicas que marcam o século XXI. Sigmund Freud, ao introduzir a dinâmica do inconsciente e os mecanismos de defesa, estabeleceu as bases para compreender a subjetividade como um campo de tensões e pulsões que moldam o comportamento humano. A relevância dessa noção se intensifica na contemporaneidade, quando a presença onipresente da inteligência artificial transforma as interações humanas, instigando uma reconfiguração da identidade.

A estrutura psíquica proposta por Freud — composta pelo id, ego e superego — continua sendo um referencial fundamental para entender as complexidades das interações contemporâneas mediadas pela tecnologia. A luta interna entre os desejos inconscientes e as exigências sociais, intensificada pela modernidade líquida descrita por Bauman, acentua a fragmentação da identidade e a necessidade de constante adaptação às dinâmicas sociais. Nesse cenário, as relações tornam-se efêmeras e a busca por validação nas redes sociais transforma as interações em trocas rápidas e superficiais, culminando em uma crise de identidade profunda.

A contribuição de Jacques Lacan, que reinterpreto as ideias freudianas à luz da linguística estrutural, é igualmente relevante nesse contexto. Lacan introduz a ideia de que o sujeito é constituído pela linguagem e pelos significantes, destacando a divisão subjetiva e a falta primordial que define o desejo humano. Na era da IA, onde as interações são frequentemente mediadas por algoritmos e plataformas digitais, a

linguagem se torna uma ferramenta ainda mais crucial para a construção e desconstrução da identidade. A forma como nos expressamos e como somos percebidos pelos outros se torna cada vez mais influenciada por padrões digitais, o que levanta questões sobre a autenticidade e a autonomia do sujeito.

As tecnologias emergentes desafiam as noções tradicionais de desejo e pertencimento. A inteligência artificial, atuando como um novo elemento simbólico, não apenas media as interações humanas, como também exerce uma influência significativa sobre a percepção que temos de nós mesmos e dos outros (Harari, 2016). Essa mediação tecnológica pode resultar em uma desumanização do sujeito, conforme discutido por Harari (2016), que alerta para o risco de alienação em um mundo dominado por algoritmos. Nesse cenário, o desejo se transforma em um produto de consumo, o que pode levar a um vazio existencial e à sensação de desconexão pessoal.

A modernidade líquida acentua a instabilidade da identidade, onde as certezas são rapidamente dissolvidas e os valores são constantemente reavaliados (Bauman, 2001). Essa liquidez nas relações, amplificada pela presença das redes sociais, resulta em um estado de incerteza que intensifica as angústias e os conflitos internos. A Psicanálise, ao explorar essas dinâmicas, não só oferece um espaço seguro para a autoexploração e o autoconhecimento, mas também se torna um meio para a reconexão do sujeito com suas emoções, desejos e medos.

A busca por significado, portanto, torna-se um tema central em um ambiente tão complexo. A Psicanálise, ao integrar novas realidades e desafios, reafirma sua importância como uma ferramenta poderosa para desvendar as complexidades do sujeito e da sua experiência no século XXI. A prática terapêutica pode auxiliar os indivíduos a reconhecer e explorar suas emoções, promovendo um espaço onde a autenticidade e a empatia possam florescer. Em um mundo em que a superficialidade se torna a norma, o compromisso com a profundidade emocional pode ser considerado como urgente?

Ademais, a reflexão sobre a identidade na era digital exige um novo olhar sobre as relações interpessoais e as expectativas sociais. A Psicanálise deve se adaptar às novas realidades, promovendo uma compreensão mais profunda das experiências humanas em um mundo saturado de estímulos e informações? O papel da terapia não é apenas restaurar a saúde mental, mas também reimaginar as formas de conexão e

interação, reconhecendo que a verdadeira intimidade e o entendimento mútuo são essenciais para a saúde psíquica.

O diálogo entre as teorias de Freud e Lacan, as reflexões de Bauman sobre a modernidade líquida e as análises de Harari sobre as implicações da tecnologia na subjetividade permitem uma compreensão mais abrangente do sujeito contemporâneo. Essa intersecção oferece uma rica fonte de insights para a prática psicanalítica, permitindo que os profissionais abordem as questões de identidade e desejo em um contexto que está em constante transformação. Assim, a Psicanálise se reafirma como um campo vital para a compreensão das complexidades do ser humano (Harari, 2018).

Por fim, a Psicanálise, ao continuar sua evolução e seu diálogo com as novas realidades, reafirma sua relevância no entendimento do sujeito moderno. Ao enfrentar a liquidez das relações e a influência da inteligência artificial, a Psicanálise se estabelece como uma abordagem fundamental para explorar as complexidades da experiência humana? Essa busca não se limita a uma mera adaptação às novas condições; trata-se de um aprofundamento nas experiências internas do sujeito, permitindo que ele encontre seu lugar em um mundo que frequentemente parece desumanizador. A compreensão do sujeito, portanto, não é apenas uma questão teórica, mas uma necessidade na busca por significado e conexão em um ambiente que exige resiliência e autenticidade. (Harari, 2018)

Após as discussões e argumentos apresentados, emerge a questão: é possível identificar um sujeito nos dias atuais? A inteligência artificial e os desafios da sociedade líquida comprometem a subjetividade?

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **The Origins of Totalitarianism**. 4th ed. New York: Harcourt, Brace & World, 1968.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

BION, Wilfred R. **Learning from experience**. New York: Basic Books, 1962.

BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

DARWIN, C. **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 1859.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 1. ed. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.

FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREUD, S. **Para uma psicologia científica**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. **Além do Princípio do Prazer**. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Obras Completas de Freud).

FREUD, S. **Cinco Lições de Psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de Freud).

FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras Completas de Freud).

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **O eu e o id**. Tradução de Renato Zwick. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017

FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2017. (Coleção L&PM Pocket).

FREUD, S. **A feminilidade**. In: FREUD, S. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1933, p. 149-168.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

HARARI, Yuval Noah. **21 Lições para o Século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARGREAVES, David. **Learning to Change: The Role of Design and Technology in the Future of Learning**. London: Institute of Education Press, 2014.

HOBBSAWM, E. J. **The Age of Revolution**. London: Weidenfeld & Nicolson, 1962.

KUMAR, Sunil. **Machine learning for dummies**. 2. ed. Hoboken: Wiley, 2018.

LACAN, J. **A ética da psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J. **Os escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, J. **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. **O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. **O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. **O seminário XX: Mais, ainda**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LACAN, J. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J. **O seminário, livro 23: O sintoma**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1967.

LOPES, Dulce Duarte. **A compreensão do sujeito nas perspectivas de Paul Ricoeur e Sigmund Freud**. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia – áreas de concentração: Psicologia e Psicanálise) — Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2002.

MITCHELL, Juliet. **Psychoanalysis and feminism: a radical reassessment of Freudian psychoanalysis**. New York: Basic Books, 1974.

RODINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. São Paulo: Jorge Zahar, 1998.

TAYLOR, Charles. **A secular age**. Cambridge: Belknap Press, 2007.

TURKLE, Sherry. **Alone together: why we expect more from technology and less from each other**. New York: Basic Books, 2017.

ZUBOFF, Shoshana. **The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power.** New York: Public Affairs, 2019.

ŽIŽEK, Slavoj. **The mirror and the mask: on Jacques Lacan.** New York: Routledge, 1997.